

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2023-05-15

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Pinto, P. T. (2015). Vítor Figueiredo, habitações económicas para o maior número. In Vanda Maldonado, Pedro Namorado Borges (Ed.), Vítor Figueiredo: Projectos e obras de habitação social 1960-1979. (pp. 13-20). Porto: Circo de Ideias.

Further information on publisher's website:

<https://www.circodeideias.pt/produto/vitor-figueiredo-projectos-e-obras-de-habitacao-social-1960-1979/>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Pinto, P. T. (2015). Vítor Figueiredo, habitações económicas para o maior número. In Vanda Maldonado, Pedro Namorado Borges (Ed.), Vítor Figueiredo: Projectos e obras de habitação social 1960-1979. (pp. 13-20). Porto: Circo de Ideias.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Vítor Figueiredo, Habitações Económicas para o Maior Número

Paulo Tormenta Pinto

(...) *au moins ils auront la joie (!?) d'avoir un vestibule spatieux...*¹

1. Introdução

Em Outubro de 1979, a revista *Arquitectura*² dedicava o seu número 135 a Vítor Figueiredo (1929-2004). Aquele periódico, à época dirigido por José Ressano Garcia Lamas, apresentava ao longo de 30 páginas a generalidade da obra do arquitecto de Lisboa, nascido na Figueira da Foz e que se havia diplomado na Escola de Belas-Artes do Porto em 1959, com a classificação de 19 valores.

Duarte Cabral de Mello (1941-2013) introduzia Vítor Figueiredo, referindo de início a preocupação em apresentar com rigor o inventário da sua obra, por forma a tornar possível um olhar amplo e potenciador de articulações entre o presente e o passado da arquitectura portuguesa. Do conjunto de projectos publicados, ressaltava o intenso trabalho de habitação de promoção pública, realizada com escassos meios financeiros, para as classes sociais mais vulneráveis economicamente. A exiguidade de recursos sustentava o argumento fundamental de leitura lançado por Cabral de Mello sobre a produção de Figueiredo, enquadrando-a nas mesmas lógicas da arquitectura portuguesa de “estilo chão”³, caracterizada por George Kubler (1912-1996) através da independência e experimentalismo “dos projectistas que, embora educados dentro da teoria da Renascença, foram capazes de desprezar as suas receitas à procura de edifícios úteis e baratos”. O despojamento crítico que revestia a arquitectura produzida no período definido entre a exploração do comércio das especiarias das índias e os diamantes do Brasil, inspirava a interpretação da obra de Vítor Figueiredo que, recusando academismos, se construía com base numa procura de dignificação do habitar, capaz de subverter o funcionalismo subjacente às matrizes regulamentares presentes nos programas de habitação social lançados pela administração pública. Ao

¹ MELLO, Duarte Cabral. “*Vítor Figueiredo – La Misere du Superlu*” em *L’Architecture d’Aujourd’hui* de Maio/Junho de 1976, pág. 30.

² LAMAS, José R.G. (Director) Revista - *Arquitectura – Arquitectura, Planeamento, Design, Construção e Equipamento* n° 135, 4ª série Setembro/Outubro de 1979.

³ KUBLER, George. *Portuguese Plain Architecture Between Spices and Diamonds, 1520-1706* – Wesleyan University Press, Middletown, Connecticut, 1972.

rigor do desenho interior das casas, Figueiredo somava subtis manipulações espaciais introduzindo, como referia Cabral de Mello, a “porta a mais que multiplica circulações, ou um espaço inútil”. A mesma sensibilidade ocorria nas massas edificadas, cujas relações tensas entre si eliminavam “virtualmente a necessidade de arranjos exteriores”.

2. Vítor Figueiredo e a “miséria do supérfluo”

Vítor Figueiredo inicia a sua actividade como arquitecto em 1960, realizando com Vasco Lobo, no âmbito, do Gabinete Técnico da Habitação da Câmara Municipal de Lisboa, um projecto para 184 fogos de Categoria I para os Olivais Sul. A este projecto outros se seguiram também na esfera da habitação de baixo custo em várias zonas do país, destacando-se o conjunto habitacional de Peniche e em Lisboa os casos dos edificios em banda para os Olivais e Chelas, os Cinco Dedos, na zona N2 também em Chelas e o Alto do Zambujal.

A expansão da cidade de Lisboa, correspondia neste período a uma resposta do município ao problema de *deficit* de alojamentos que se verificava em Portugal e que tinha maior expressão nas principais cidades portuguesas. O impacto dos planos de fomento nacional⁴ (desde 1953), incidentes no desenvolvimento do sector secundário⁵, haviam colocado, nomeadamente, sobre as cidades de Lisboa e Porto, o ónus de alojar as populações oriundas do mundo rural em desagregação. A este fenómeno somar-se-ia a necessidade de integração dos habitantes regressados das ex-colónias no contexto dos processos de independência dos novos países africanos, depois de 1974. Nuno Teotónio Pereira (n.1922) identificava este fenómeno em 1969 num artigo intitulado “habitações para o maior número”, apresentado no Colóquio de Urbanismo do Funchal, referindo-se ao grande número de pessoas que na época que antecede o fim do Estado Novo, ocupavam alojamentos precários nas franjas dos aglomerados urbanos, ou sobreocupavam as casas existentes.

⁴ A integração de Portugal nas dinâmicas internacionais do pós-guerra, implicou a integração do país na Organização Europeia de Cooperação Económica (OECE), sendo através do Fundo de Fomento Nacional (criado em 1949) que, no plano interno, se viriam a articular os recursos entregues ao país ao abrigo dos programas de auxílio americano à Europa, decorrentes do Plano Marshall.

⁵ A partir da década de 1960, assistiu-se no espaço de 10 anos, ao aumento significativo da contribuição do sector secundário para o Produto Interno Bruto (PIB), passando de 36,5%, em 1960 para 48,1% em 1970, em contraponto com o decréscimo acentuado do sector primário que no período homólogo caiu de 25% para 12,7%.

As carências de alojamento que se verificavam neste período, colocaram sobre a mesa do debate arquitectónico, nomeadamente nas décadas de 1960 e 1970, o tema da habitação como campo experimental do discurso produzido, lançando as bases para o início de um intercâmbio internacional, entre Portugal e outros países europeus a braços com as reconstruções dos seus próprios territórios com base no plano Marshall. Não obstante o interesse dos arquitectos portugueses em relação à figura de Alvar Aalto (1898-1976) e à arquitectura produzida nos países do norte Europa, uma proximidade programática e conceptual sedimentava-se no porém entre os países mediterrâneos de expressão latina (Espanha, França e Itália).

O realismo do sul é identificado designadamente por Nuno Portas (n.1934), entrevistado no já citado número 135 da revista Arquitectura. Portas, no rescaldo das suas funções públicas como Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo no I Governo Provisório após o 25 Abril de 1974, menciona a necessidade de uma arquitectura próxima das necessidades dos cidadãos e distante do livre ensaio formal. Para Nuno Portas, a necessidade de retomar um discurso sobre a tipologia da arquitectura e da cidade colocava-se como primordial, por forma a trazer para os desafios coevos uma base de trabalho que permitisse aos arquitectos pensarem a sua produção com base no conhecimento da morfologia da cidade herdada. Este processo, que naturalmente deveria superar a simples reprodução, traria fundamentos interpretativos que permitiram equacionar o modo de rever o movimento moderno, conjugando as formas e soluções extraídas da modernidade com o ideário da rua, da quadrícula, do quarteirão, da avenida, etc..

A consciência expressa por Nuno Portas funciona como instrumento de trabalho, tanto para a pequena, como para a grande escala. O projecto da Igreja do Sagrado Coração de Jesus⁶, obra que envolve também Vítor Figueiredo, é um bom exemplo, uma vez que, para além da reflexão em torno do espaço litúrgico, aquele programa transforma-se num tema eminentemente urbano. A igreja, inserida na lógica de um quarteirão, medeia no espaço onde se insere um atravessamento urbano entre cotas topográficas diferenciadas. A expressão do betão descoberto e das alvenarias não

⁶ Igreja do Sagrado Coração de Jesus (1962-1966) projecto de Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira e dos engenheiros Rui Júdice Gamito e João Lobo Fialho; contando com a colaboração do Padre Avelino Rodrigues, perito em liturgia, e dos arquitectos Pedro César Vieira de Almeida, Luís Vassalo Rosa, António Reis Cabrita, Luís de Almeida Moreira e Vítor Manuel de Almeida Figueiredo e dos engenheiros João Malato e José Teixeira Trigo;

rebocadas, constroem a atmosfera dos elementos arquitectónicos e urbanos sedimentados pela história da arquitectura, ali revisitados e aplicados segundo um processo crítico e poético, que antes de tudo aceita a circunstância e a contingência da continuidade da cidade, da cércea da rua e da limitação da parcela urbana.

A relevância da arquitectura portuguesa contemporânea é, em grande medida, fundada em torno desta mesma busca culturalista que, por oposição a uma eventual replicação formal simplista, se apresenta como alicerce de pesquisa. Vítor Figueiredo move-se nesta base, trazendo para os seus projectos um universo de memórias que, que independentemente dos programas, lhe permite superar os espertalhos regulamentares, no caso da habitação social, associados às áreas reduzidas e à economia construtiva. Neste processo está presente um refinamento, suportado por um incessante e silencioso desejo de subversão dos padrões convencionais que separam os “ricos e os pobres”. É neste ponto que o realismo de Vítor Figueiredo adquire a maior importância, observando as pequenas parcelas habitacionais como laboratórios de organização da vida doméstica e anónima das comunidades a alojar.

Vítor Figueiredo consegue inverter a fatalidade associada aos moradores carenciados dos bairros de habitação social, introduzindo e manipulando determinados detalhes que tanto passavam pela exacta vibração de subtis ressaltos no pano das fachadas, como na ênfase de determinados elementos ou situações arquitectónicas, ou ainda pelo trabalho sobre a importância das áreas servidoras e/ou “supérfluas” introduzidas na definição tipológica.

Estes argumentos são observados a partir do bairro do Alto do Zambujal e do conjunto habitacional para Peniche, obras que serviram de base aos artigos que os próprios Nuno Portas e Duarte Cabral de Mello realizaram, sob o título: “Vítor Figueiredo – La Misere du Superlu”⁷, para o mítico número 185 da revista *L'Architecture d'Aujourd'hui* de Maio/Junho de 1976 dedicada a Portugal. Portas destacava a precisão associada às intervenções de Vítor Figueiredo, onde o recurso à memória arquitectónica não elitista, se constituía como ferramenta primordial para promover a qualidade e a “dignidade civil” das intervenções para ‘o maior número’. Neste contexto, a “miséria do supérfluo” residia segundo Cabral de Mello na

⁷ MELLO, Duarte Cabral; PORTAS, Nuno - “Vítor Figueiredo – La Misere du Superlu” em *L'Architecture d'Aujourd'hui*, nº 185 de Maio/Junho de 1976. Neste artigo Nuno Portas encarrega-se de uma das partes que adquire o subtítulo de “A propos du travail de Vítor Figueiredo”.

subversão dos princípios estritamente funcionalistas com que as “classes dominantes” promoviam a habitação social, investindo somente o indispensável para “assegurar a reprodução da força de trabalho”. Através da inversão das hierarquias funcionais, seria possível escapar ao determinismo das áreas habitáveis, criando “espaços com potencial de uso quotidiano”⁸. Deste modo o racionalismo matricial seria adaptado à condição humana, seguindo os ensinamentos de Alvar Aalto o qual, com base nas suas experiências de Paimio e Viipuri, havia escrito “A Humanização da Arquitectura”⁹, texto publicado em Agosto de 1950 na Revista *Arquitectura*.

3. Alto Zambujal, como síntese do trabalho de habitação social

O bairro do Alto do Zambujal em Alfragide com 791 fogos (em moradias e edifícios de banda com 3 e 5 pisos), projectado em 1975 em parceria com Cabral de Mello e Jorge Gil, representa um caso de estudo relevante sobre as lógicas de projecto de Vítor Figueiredo. Esta vasta intervenção na franja periférica da cidade de Lisboa, num dos locais onde os assentamentos precários eram à época mais extensos, corresponde a uma obra de maturidade onde se verifica a acumulação de experiências de projectos anteriores.

Gonçalo Byrne (n.1941), referindo-se ao Alto Zambujal, sublinha a atenção posta na unidade fogo, a recuperação da proposta do “quarteirão gerador de cidade” e a austeridade de uma arquitectura “no osso”¹⁰. A unidade do fogo, designadamente nos edifícios em banda, é conseguida pela conquista de pressupostos de quantidade e qualidade dentro dos baixos custos, sendo a organização interna das habitações realizada em torno de um *hall* distributivo, colocado ao centro da planta. Os fogos derivam de um esquema simples de duas casas por patim do tipo esquerdo/direito. A entrada é realizada no eixo de tangência entre a cozinha e a sala comum, é a partir

⁸ Duarte Cabral de Mello definia a ideia de área supérflua, como sendo uma área com potencial de uso quotidiano, escapando à determinação funcionalista - *Potentiel d'usages quotidiens échappant à la détermination fonctionnaliste*.

⁹ Aalto, Alvar “A Humanização da Arquitectura” em Revista - *Arquitectura - Arquitectura, Planeamento, Design, Construção e Equipamento*, nº 35, 2ª série de Agosto de 1950, pág. 7 e 8. [Traduzido a partir de artigo publicado em “The Technology Review”, em 1940].

¹⁰ BYRNE, Gonçalo – “Alto do Zambujal – Lisboa”, em Revista - *Arquitectura – Arquitectura, Planeamento, Design, Construção e Equipamento* nº 135, 4ª série de Setembro/Outubro de 1979, pág. 54.

deste último espaço que se acede ao coração distributivo da casa, para onde convergem os quartos e a instalação sanitária.

No caso dos T3, por exemplo, um dos compartimentos adquire uma valência híbrida, podendo converter-se num quarto, numa área de trabalho, ou numa sala de jantar com ligação directa à cozinha ao longo da parede da fachada. Vítor Figueiredo reforça esta circulação com a colocação de uma segunda porta de acesso, disposta na simetria da cozinha. Uma vez aberta, esta porta permite criar continuidade e desmultiplicação espacial, introduzindo uma circulação periférica ao fogo, capaz de converter as janelas em faixas de observação do exterior em movimento, transformando-as em *fenêtres en longueur*, à maneira do movimento moderno. É o trabalho de rigor, acerto e compactação das áreas da casa que possibilita a criação deste compartimento nuclear sem função específica o qual, estando contíguo à cozinha, se constituiu como área ‘supérflua’, passível de apropriações diversificadas de acordo com as necessidades dos habitantes.

A matriz habitacional dos vários fogos é agregada num sistema tipológico que retoma a ideia de quadrícula fundadora de cidade. Seguindo as lógicas pragmáticas da “arquitectura chã”, também no Alto do Zambujal os edifícios se espraiam adoçados a um sistema infra-estrutural sensível à topografia existente, evitando neste caso terraplenagens excessivas. O módulo base possibilita a criação de situações urbanas diversas, adquirindo maior apuramento nas zonas de gaveto onde os módulos de esquina se soltam das bandas edificadas corridas.

O despojamento que Byrne observa no Alto Zambujal é, tal como em outros projectos, contrabalançado com a delicadeza de certos detalhes e situações que caracterizam os longos panos de fachada. É relevante o trabalho realizado em torno do desenho dos ingressos dos edifícios, onde a proeminência dos vãos de entrada promove um efeito artificioso de grandeza, conseguido pelo modo como é quebrada e recomposta a coluna vertical de acessos em duas prumadas (térreo e restantes pisos). Este desalinhamento permite criar uma evocativa monumentalidade, ao mesmo tempo que protege os níveis superiores onde se processam as entradas nos fogos, dos atravessamentos transversais entres as bandas de edifícios. Os rompimentos da massa construída são fundamentais para reforçar a importância do espaço público no projecto do Bairro do Alto do Zambujal. As áreas públicas de encontro e troca entre

moradores como que expressavam de início o desejo de que a própria cidade nuclear pudesse mais tarde vir a absorver, nos seus processos de crescimento, áreas periféricas ao concelho de Lisboa, ultrapassando a segregação urbana a que estavam sujeitas.

4. Monumentalidade anónima

É pela via de um realismo poético (ou mágico) que Vítor Figueiredo foi capaz de realizar as sínteses improváveis entre a expressão da arquitectura popular e a erudição clássica, ou o movimento moderno. Figueiredo colocava a arquitectura num lugar tenso entre a disciplina e o diletantismo crítico resgatado a partir da literatura ou do cinema. A arquitectura e os desafios que esta lhe colocava, diluíam-se numa procura intensa para envolver o projecto na própria vida, transformando-o num acto tendencialmente anónimo (talvez imaterial). O anonimato é possivelmente a melhor ferramenta de análise da obra de Vítor Figueiredo, um anonimato que, rejeitado a facilidade da moda, não deixava de procurar um sentido de monumentalidade muito na linha daquilo que Ignasi de Solà-Morales (1942-2001) entendia como tal:

La noción de monumento que propongo aquí está ligada al gusto de la poesía después de haberla leído, al sabor de la música después de haberla oído, al recuerdo de la arquitectura después de haberla visto¹¹.

Referencias:

Arenga, Nuno (Coord.). *Vítor Figueiredo: Fragmentos de um Discurso*, Circo de Ideias, Porto, 2012.

Dourado, Rita. “Bairro do Alto do Zambujal”, em PINTO, Paulo Tormenta (Coord.) *Revista Passagens, nº 1* Editora Caleidoscópico, Casal de Cambra, 2013,

L'Architecture d'Aujourd'hui nº 185 – “Dossier Portugal an II”, de Maio/Junho de 1976.

Kubler, George. *Portuguese Plain Architecture Between Spices and Diamonds, 1520-1706* – Wesleyan University Press, Middletown, Connecticut, 1972.

Pinto, Paulo Tormenta - “A Evolução de Modelos Urbanos Tardo Modernos – O caso da Urbanização da Portela de Sacavém e da periferia de Lisboa”, em AAVV. Actas do PNUM 2015 - 4ª Conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana, *Configuração Urbana e os Desafios da Urbanidade*, ocorrida

¹¹ SOLÀ-MORALES, Ignasi, “Arquitectura Débil” em - *Diferencias. Topografía de arquitectura contemporânea*, Gustavo Gili, Barcelona, 1995, pág. 81.

entre 25 e 26 Junho 2015 na Universidade Nacional de Brasília
(<http://pnum.fe.up.pt/pt/index.php/conferencias/>).

Revista - Arquitectura - Arquitectura, Planeamento, Design, Construção e Equipamento, nº 35, 2ª série de Agosto de 1950.

Revista Arquitectura – Arquitectura, Planeamento, Design, Construção e Equipamento nº 135, 4ª série de Setembro/Outubro de 1979.

Solà-morales, Ignasi. “Arquitectura Débil” em *Diferencias. Topografia de arquitectura contemporânea*, Gustavo Gili, Barcelona, 1995.